

## CONTATO DE LÍNGUAS NO ESTUDO DE EMPRÉSTIMOS LINGÜÍSTICOS: LÍNGUA DE SINAIS FRANCESA/LIBRAS

*Marta Maria Covezzi<sup>1</sup>*  
*Simone de Jesus Padilha<sup>2</sup>*

**RESUMO:** Este trabalho apresenta dados parciais de estudo doutoral desenvolvido no Programa de Pós-graduação em Estudos de Linguagem da Universidade Federal de Mato Grosso, sobre os empréstimos linguísticos da Libras, oriundos da Língua Francesa de Sinais – LSF, e da Língua Francesa Oralizada – LFO, que tem como fundamentação teórica os estudos bakhtinianos e os conceitos da Ecolinguística, em especial o de contato de línguas. Baseando-se no princípio de que “sem as bases físicas do território, não há povo e, sem os membros de um povo convivendo, não há língua” (Couto, 2007), a Ecolinguística indica que o contato de línguas ocorre no contato entre povos quando se deslocam de seus territórios. Sob esse viés, considera-se que, ao ocorrer a alteração desses meios ambientes, no deslocamento dos povos, as línguas, conseqüentemente, também, se modificam por meio das influências recíprocas. Conforme registros, o contato entre a LSF, a LFO e a Libras ocorreu, inicialmente, com a atuação do francês E. Huet no Collégio Nacional para Surdos-Mudos, atual INES, como professor da LSF em diálogo com os sinais utilizados pela comunidade surda brasileira. Analisamos alguns sinais da Libras reconhecidos como heranças da LSF ou da LFO, fundamentando-nos especificamente pelo contato de línguas e apresentamos a análise de alguns exemplos desses empréstimos, resultados da nossa busca de compreensão do trajeto sócio-histórico percorrido.

**PALAVRAS-CHAVE:** Contato de línguas. Empréstimos linguísticos. Libras e LSF/LFO.

## LANGUAGE CONTACT IN THE STUDY OF LINGUISTIC LOANS: FRENCH SIGN LANGUAGE/BRAZILIAN SIGN LANGUAGE

<sup>1</sup>É Professora Adjunto IV da Universidade Federal de Mato Grosso. Tem experiência na área de Letras, com ênfase no ensino de Língua Francesa e Estágio Supervisionado de Língua Francesa. Atualmente, é doutoranda em Estudos de Linguagens no PPGEL – UFMT. Pesquisa doutoral: o trajeto sócio-histórico dos empréstimos linguísticos da língua francesa na Libras. Faz parte do grupo de pesquisa REBAK/UFMT/CNPQ (Relendo Bakhtin) do subgrupo REBAK SENTIDOS/UFMT/CNPQ-educação especial e linguagem.

<sup>2</sup> Professora Associada da Universidade Federal de Mato Grosso, Departamento de Letras e Programa de Pós-graduação em Estudos de Linguagem. Tem experiência na área de Linguística, com ênfase em Linguística Aplicada, atuando principalmente nos seguintes temas: estudos bakhtinianos, avaliação de livros didáticos, ensino-aprendizagem de língua materna, professor de língua portuguesa, gênero do discurso e gêneros poéticos, olimpíada de língua portuguesa. É líder do Grupo "Relendo Bakhtin" – REBAK.

**ABSTRACT:** This paper presents partial data from a doctoral study, developed in the Postgraduate Program in Language Studies of the Federal University of Mato Grosso, on Brazilian Sign Language (LIBRAS) linguistic loans from the French Sign Language (FSL) and the French Oral Language (FOL), theoretically grounded in bakhtinian studies and concepts from Ecolinguistics, especially language contact. Based on the principle that "without the physical bases of the territory, there are no people and, without the members of a people living together, there is no language" (Couto, 2007), Ecolinguistics indicates that language contact occurs in the contact between people when they move from their territories. In this perspective, in the alteration of these environments, in the displacement of peoples, languages also change by means of reciprocal influences. According to records, the contact between the FSL, the FOL, and LIBRAS occurred initially in Brazil with the work of the French E. Huet in the Collégio Nacional para Surdos-Mudos, currently INES, where he was a professor and used FSL in dialogue with the signals used by the Brazilian deaf community. We will analyze some LIBRAS signs recognized as inheritances either from the FSL or the FOL, based on language contact, and we will present the analysis of some examples of these loans, as results from our search for understanding their socio-historical trajectory.

**KEYWORDS:** Language contact. Linguistic loans. BSL (Libras), FSL/FOL.

## **CONTACTO DE LENGUAS EN EL ESTUDIO DE PRÉSTAMOS LINGÜÍSTICOS: LENGUA DE SEÑALES FRANCESA / LIBRAS**

**RESUMEN:** Este trabajo presenta datos parciales de estudio doctoral desarrollado en el Programa de Postgrado en Estudios de Lenguaje de la Universidad Federal de Mato Grosso, sobre los préstamos lingüísticos de la Libras, oriundos de la Lengua Francesa de Señales -LSF, y de la Lengua Francesa Oralizada - LFO, que tiene como fundamentación teórica los estudios bakhtinianos y los conceptos de la Ecolingüística, en especial el de contacto de lenguas. En base al principio de que "sin las bases físicas del territorio, no hay pueblo y, sin los miembros de un pueblo conviviendo, no hay lengua" (Couto, 2007), la Ecolingüística indica que el contacto de lenguas ocurre en el contacto entre pueblos cuando se desplazan de sus territorios. En este sentido, se considera que, al ocurrir la alteración de esos medios ambientes, en el desplazamiento de los pueblos, las lenguas, consecuentemente, también, se modifican por medio de las influencias recíprocas. En cuanto a registros, el contacto entre la LSF, la LFO y la Libras ocurrió, inicialmente, con la actuación del francés E. Huet en el Colegio Nacional para Sordos-Mudos, actual INES, como profesor de la LSF en diálogo con los signos utilizados por la comunidad sorda brasileño. Se analizan algunos signos de la Libras reconocidos como herencias de la LSF o de la LFO, fundamentándonos específicamente por el contacto de lenguas y presentamos el análisis de algunos ejemplos de esos préstamos, resultados de nuestra búsqueda de comprensión del trayecto socio-histórico recorrido.

**PALABRAS CLAVE:** Contacto de idiomas. Préstamos lingüísticos. Libras y LSF / LFO.

## Introdução

A educação de surdos, institucionalmente, tem início no século XVIII, na França, especificamente em 1760. É o período que pode ser denominado como “período institucional”, caracterizado pela aplicação de uma pedagogia coletiva e não mais individual. A partir de 1759, Charles-Michel de l’Épée torna-se ‘o professor gratuito dos surdos e mudos’ na França, depois de ter conhecido duas irmãs gêmeas surdas e mudas e de ter tomado para si a responsabilidade de educá-las. Desenvolve, para tanto, o Método Gestual, que misturava a gramática francesa com a língua de sinais nativa, chamada de “Antiga Língua Gestual Francesa”, ou seja, era o francês sinalizado. O professor fundou, por seus próprios meios, a Instituição Nacional de Surdos Mudos (1771), em sua própria casa. O método do Abade foi muito exitoso, então o governo da França resolveu apoiá-lo criando o *Institut des Jeunes Sourds de Paris* (Instituto dos Jovens Surdos de Paris), em 1791, a primeira escola pública para surdos, no mundo. L’Épée preparou muitos professores ouvintes e surdos franceses e de outros países que, ao retornarem a seus países, também fundaram escolas semelhantes.

Naquele momento, em que a movimentação em torno das línguas de sinais estava em crescente expansão, diversos professores franceses auxiliaram na missão de difundir essa forma de comunicação pelo mundo, vejamos o caso de Laurent Clerc, que tinha sido aluno de Jean Massieu, por sua vez, aluno de Roch Ambroise Cucurron Sicard, que foi para os Estados Unidos em 1816, onde fundou com Thomas Gallaudet, em 1817, o *American Asylum for the Deaf, em Hartford*; o grande êxito dessa empreitada, no desenvolvimento da língua de sinais, e o reconhecimento das capacidades das pessoas surdas levaram o Congresso a autorizar, em 1864, a criação da primeira instituição de ensino superior para surdos no mundo, a atual *Gallaudet University*; segundo Sacks (2010), a única faculdade de ciências humanas para surdos, até hoje.

Sacks confirma um caminho semelhante ao da Libras na formação da Língua Americana de Sinais - ASL:

O sistema francês de sinais importado por Clerc amalgamou-se logo com as línguas de sinais nativas – os surdos criam línguas de sinais onde quer que haja comunidades de surdos; para eles, esse é o modo de comunicação mais fácil e natural -, formando um híbrido singularmente expressivo e eloquente, a Língua Americana de Sinais. (SACKS, 2010).

Ou seja, a Língua de Sinais Francesa e os professores franceses marcam, fortemente, presença na história da institucionalização e na constituição da língua de sinais dos Estados Unidos, assim como ocorreu, posteriormente, no Brasil.

Em 1857, o professor francês Edward Huet (surdo e partidário do Abade de l'Épée) veio ao Brasil, com o apoio de D. Pedro II, para fundar a primeira escola para surdos, no Rio de Janeiro, o Collégio Nacional para Surdos-Mudos. A instituição começou a funcionar em 1º de janeiro de 1856, contendo, em sua proposta, as disciplinas Língua Portuguesa, Aritmética, Geografia, História do Brasil, Escrituração Mercantil, Linguagem Articulada, Doutrina Cristã e Leitura Labial. “A língua de sinais praticada pelos surdos no Instituto – de forte influência francesa, em função da nacionalidade de Huet – foi espalhada por todo Brasil pelos alunos que regressavam aos seus Estados ao término do curso.”<sup>3</sup>

Huet trouxe para suas aulas a LSF (*Langue de Signes Française* – Língua Francesa de Sinais) e sinais utilizados pelas comunidades surdas brasileiras da época, hoje denominada *Libras antiga*. Foi desse diálogo que surgiram os primeiros sinais da Libras e que deram início ao seu trajeto de formação enquanto língua gesto-visual.

Em 1875, Flausino José da Gama, com apenas 18 anos de idade e ex-aluno do INES, elaborou o primeiro dicionário de sinais no país, intitulado “Iconographia dos Signaes dos Surdos”. Essa obra é considerada fundadora do saber lexicográfico sobre a

---

<sup>3</sup> [www.ines.gov.br](http://www.ines.gov.br)

Língua Brasileira de Sinais - Libras e seu autor teve a formação fundamentada completamente nos ensinamentos e orientações linguísticas da Língua Francesa de Sinais. Para tanto, serviu-se da obra de Pierre Pélissier, professor francês, primeiro autor visual<sup>4</sup> de um dicionário da Língua de Sinais Francesa, em 1856, *L'Enseignement Primaire des Sourds-Muets mis a la portée de tout le monde avec Une Iconographie des Signes* (A Educação Básica dos Surdos-Mudos ao alcance de todos com Uma Iconografia do Sinais).

Partindo da constatação desses fatos sobre a história da língua de sinais na França, no Brasil e nos Estados Unidos, estamos empreendendo nosso estudo sobre os empréstimos linguísticos da Libras advindos da LSF ou LFO, no intuito de contribuir com a discussão e a compreensão da constituição dos sinais da Libras e, despretensiosamente, talvez para sua consolidação enquanto língua. Pretendemos compreender a origem da Língua Brasileira de Sinais, investigando a ocorrência desses empréstimos, de relevância vital no processo da constituição da língua nacional de sinais.

### **O contato de línguas no estudo dos empréstimos linguísticos**

A vida na sociedade atual, cada vez mais globalizada, tem facilitado os deslocamentos e, conseqüentemente, possibilitado mais intensamente os contatos entre povos e línguas. E o contato de línguas tem se revelado um dos fatores que influenciam de forma importante as diversificações linguísticas e tem sido muito considerado e empregado nos estudos da formação e alterações ocorridas nas línguas.

Couto (1999), expoente máximo da Ecolinguística no Brasil, ampliou e adequou o conceito e a denominação de 'línguas em contato' para *contato de línguas* para aplicá-

---

<sup>4</sup> O termo *visual* que empregarei aqui refere-se ao conceito de *sujeito visual* desenvolvido por Duarte (2016) em analogia à concepção de *sujeito ouvinte*, remetendo à habilidade linguística visual requerida do usuário de línguas de sinais, devido à sua característica viso-espacial, ressaltando um potencial linguístico, e não a deficiência auditiva, como ocorre com o termo *surdo*.



lo ao estudo da formação e transformação da gramática crioula, pois esta última denominação atenderia melhor à investigação em uma perspectiva diacrônica, evolutiva ou genética. Como as bases teóricas deste estudo, se sustentam na visão bakhtiniana de linguagem, que considera a língua em movimento, consideramos adequado o diálogo com os conceitos da ecolinguística, ambas vertentes holísticas da análise do discurso. Por que holísticas? Seguindo o mesmo princípio da ecologia, uma abordagem ecológica nos estudos linguísticos, não há como estudar um elemento da língua de forma isolada de seu todo e das interações entre os demais componentes.

A premissa básica da Ecolinguística é a de que a língua é um grande ecossistema formado pelo tripé língua (L), população (P) e território (T); para haver L, é necessário que haja um T em que um P viva e conviva, o que faz surgir a necessidade de interação entre seus membros e faz emergir uma língua para que a comunicação ocorra. Para Couto (2009, p. 12), a Ecolinguística é o *estudo das interações verbais que se dão nos ecossistemas linguísticos*, sendo a interação um ponto importante de convergência com Bakhtin, já que a interação verbal, também, é uma concepção basilar da teoria da linguagem bakhtiniana.

A Ecolinguística vem aprimorando e delineando melhor o conceito de contato de línguas, cuja ocorrência se dá quando há contato entre Povos com suas respectivas Línguas, sustentando que L não tem vida fora de um P. E que o contato entre as línguas se dá na mente das pessoas que estão em contato em determinado lugar. Constitui-se em uma ecologia, a Ecologia do Contato de Línguas, por abranger todos os elementos de um Ecossistema Fundamental da Língua - EFL: Língua, Povo, Território e suas inter-relações. O Ecossistema da língua compreende o meio ambiente - MA social, os membros de um P organizados socialmente, o MA mental, cada membro de P possui um corpo físico, o qual contém um cérebro, sede da mente que é a base da língua e dos processos mentais e, para que haja uma sociedade interagindo é necessário que exista um território, o MA natural da língua.

Couto descreve vários tipos de contatos: pelo deslocamento de um povo (ou parte dele) e sua respectiva língua (PL1) para o Território de outro Povo e sua Língua (PL2) ou o movimento inverso. Outra possibilidade de contato: quando PL1 e PL2 encontram-se em outro Território, de um terceiro Povo e sua Língua (PL3). Ainda, é possível haver contato quando há deslocamentos temporários, membros de PL1 vão ao território de PL2, ou vice-versa, retornando ao território próprio em pouco tempo. E, ainda, há a ausência de contato, é possível haver interferência de uma língua em outra sem contato direto entre os falantes dessas duas línguas. Uma das formas de mudança linguística ocasionada pela ausência se dá quando um grupo de falantes de determinada comunidade se desloca e forma uma comunidade isolada da original, deixando de existir interação entre os membros desta comunidade com a de origem.

Assim, pode surgir uma deriva própria, gerada pelo distanciamento do território e, mais do que isso, do movimento contínuo da vida da comunidade original. Essa deriva pode se transformar em uma nova língua com o passar do tempo, em consequência da exposição e da intervenção sofrida nos novos MA social, mental e natural. Esses tipos de contatos de línguas e as incontestáveis interferências linguísticas que podem se produzir a partir desses fenômenos nos darão suporte, acreditamos, para a compreensão e o esclarecimento da herança legada pela LSF e pela LFO à Libras.

Da mesma forma, como é de conhecimento comum que a língua e cultura francesas exerceram grande influência na língua portuguesa, encontramos diversos exemplos claramente recebidos da Língua Francesa Oralizada - LFO e da LSF na constituição da Libras: começemos por sua datilologia, herança integral da LSF, que tem se mantido quase inalterada no decorrer do tempo. Confirmamos essas semelhanças e algumas pequenas alterações comparando a datilologia apresentada na obra “Iconographia dos Signaes” (1875), obra publicada com o intuito de difundir os sinais utilizados pela comunidade de visuais à época, e a datilologia do dicionário de Pierre Pélissier (1856), são os mesmos sinais na LSF e na Libras.



Atualmente, verificamos o alfabeto manual da LSF no dicionário de Delaporte (2007). Este último traz a datilologia de Bill Moody, de 1983, em que as alterações mais destacadas são da letra M, com configuração de mãos empregando os dedos auricular, anelar, médio e indicador, não apenas o anelar, o médio e o indicador, como na Libras; além da informação de que a letra I, quando utilizada na soletração manual para a construção de um sinal, assume frequentemente a configuração em chifre, com o polegar e o auricular estendidos. Em outras fontes, (Figura 1) encontramos a letra A apresentando o polegar aberto, distanciado da mão e a letra H com o indicador e o auricular estendidos; as letras M e N, também, aparecem com a orientação de mãos lateral e não para baixo, como se mantém na Libras.

Figura 1



Fonte: [http://surdite.lsf.free.fr/alphabet\\_LSF.htm](http://surdite.lsf.free.fr/alphabet_LSF.htm)

Supomos que o contato ocorrido entre a LSF e a Libras se encaixa ao que se dá com deslocamentos temporários, conforme descrito acima, considerando que, a LSF foi trazida ao Brasil pelo professor Huet, na institucionalização do ensino da língua de sinais em 1856, ou seja, um representante falante da língua francesa de sinais em contato com a língua de sinais dos sujeitos visuais brasileiros. Huet ensinou essa língua

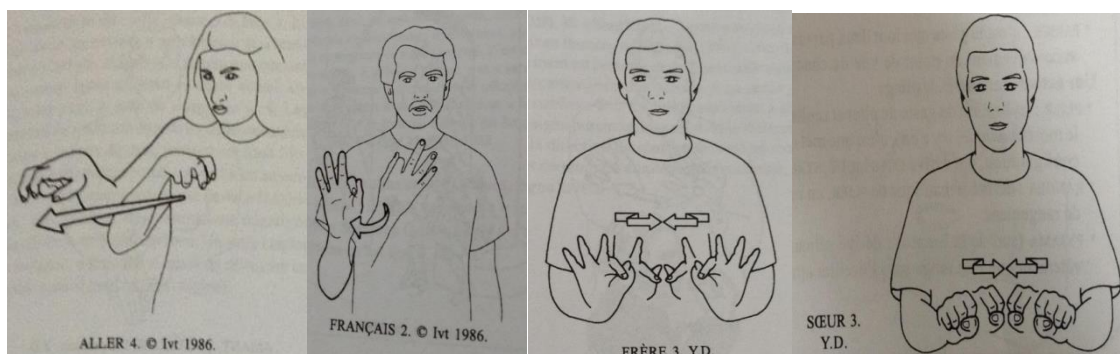


durante certo tempo a estudantes vindos de diversas partes do país, já que não existiam outras escolas no Brasil, e esses estudantes disseminaram esses ensinamentos ao retornarem a seus estados após finalizarem os estudos.

Além de falante fluente da LSF, Huet, apesar de visual, tinha ficado surdo aos 12 anos e já era alfabetizado, isto é, também falava e escrevia a língua francesa. Após 5 anos de estadia no Brasil, em 1862, ele partiu para continuar a tarefa de institucionalizar o ensino de línguas de sinais no México, onde criou a Escola Nacional dos Surdos, porém tendo deixado aqui no Brasil o seu legado. E a comunidade visual brasileira, representada pelos estudantes do INES e pelos professores que dali saíram, foram responsáveis pela popularização e nacionalização dos sinais ensinados naquela escola.

É evidente a interferência da Língua Portuguesa na constituição de sinais da Libras, por exemplo, em vocábulos como *copo*, *bar* e *oi*, em que se lança mão da datilologia dessas palavras em português, contato de um mesmo Povo, em um mesmo Território, mas entre falantes de duas Línguas. A LSF, também, recebeu interferências da língua francesa oralizada na formação de seus sinais, citando como exemplo o verbo *aller* (ir) cujo sinal se dá pela junção das letras manuais V e A (Figura 2), devido a suas formas conjugadas (*tu vas*, *il va*, *on va*); *Français* (Francês) - sinal formado pela transliteração da letra inicial da palavra (Figura 3); assim como *frère* (irmão) e *sœur* (irmã) (Figuras 4 e 5). Todas as imagens de sinais da Língua Francesa de Sinais deste artigo foram retiradas do *Dictionnaire Étymologique et Historique de la Langue des Signes Française de Yves Delaporte*, 2007.

Figuras 2, 3, 4 e 5



Fonte: Delaporte, 2007

Neste caso, tendo ocorrido o contato de duas Línguas, de um mesmo Povo, a não ser que se faça a distinção entre ouvintes e visuais como povos diferentes, porém convivendo num mesmo Território.

Temos constatado, também, a existência de empréstimos linguísticos da Língua Francesa Oralizada na Libras por transliteração da letra inicial de palavras francesas, como em: trabalhar, sinal em Libras com configuração das mãos em L de *labour* (Figura 6); perguntar, em D de *demander* (Figura 7); feio, em L de *laid* (Figura 8). Discorreremos a seguir sobre esses sinais na LSF para demonstrar que suas configurações na LSF não apresentam essas formas, ao menos nas fontes que consultamos, portanto, entendemos que seja necessário destrinçar, de forma cuidadosa, seu percurso de alterações para compreender como a LFO foi mobilizada para a modificação ou criação desses sinais na Libras e o que pode ter motivado esse movimento.

Figuras 6 a 8



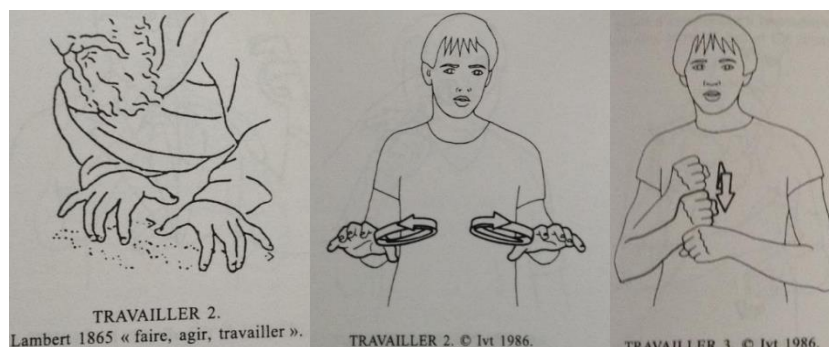
<http://coral.ufsm.br/edu.especial.pos/>



<http://www.dicionariolibras.com.br>

Na LSF, o sinal de *travailler* (trabalhar), no século XVIII, era expresso por uma sequência rápida dos sinais para costurar, tricotar e serrar (Figura 9); no século XIX, o sinal era o mesmo para *fazer*, *agir* ou *trabalhar*, constituía-se do movimento dos dedos das duas mãos meio flexionados como se percorressem o teclado de um piano da direita à esquerda, esse sinal se difundiu com algumas variantes regionais (Figura 10); o sinal de hoje mais utilizado na França na LSF assim como em várias línguas de sinais da Europa, (LS Holandesa, Alemã, Espanhola, Grega), do Québec e na ASL, representa uma atividade manual de manejo de uma massa (Figura 11). (DELA PORTE, 2007)

Figuras 9 a 11



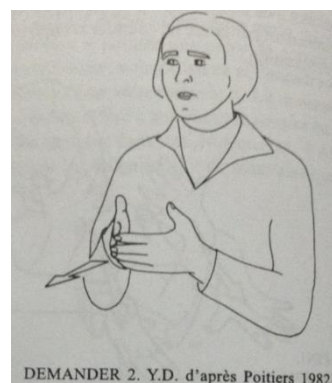
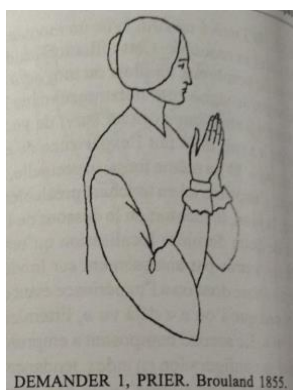
Fonte: Delaporte, 2007

O sinal na LSF para *demander* (pedir, perguntar), nos séculos XVIII e XIX, toma emprestado o gesto de orar, generalizado na cristandade a partir do século XI, mãos juntas dirigidas ao alto (Figura 12). Posteriormente, as duas mãos juntas são Polifonia, Cuiabá-MT, v. 25, n.38.1, p. 01-192, maio-agosto.2018.



direcionadas para a pessoa solicitada (Figura 13) e, mais tarde, houve uma ruptura desse sinal de origem religiosa, o movimento único e longo das duas mãos foi substituído por pequenos toques de suas extremidades, com o sentido de “alguém me pergunta/pede alguma coisa” (Figura 14), (DELAPORTE, 2007)

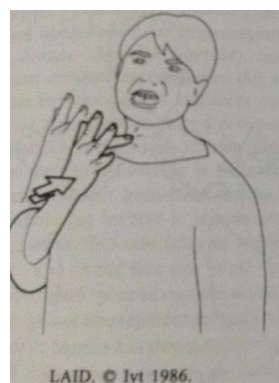
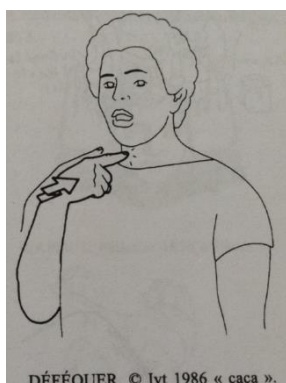
Figuras 12 a 14



Fonte: Delaporte, 2007

No caso de *laid* (feio), na LSF, nos séculos XVIII e XIX, esse sinal era expresso por uma careta, ou pelo sinal de *affreux* (horrível), ou por seu antônimo *joli* (bonito) seguido de uma negação. O sinal parisiense atual (Figura 15) tem uma proximidade morfológica com o signo *défequer* (defecar) indicando sua etimologia (Figura 16), com a equivalência das expressões de reprovação: “*pas beau! caca!*” (*feio! cocô!*) dirigidas a uma criança. (DELAPORTE, 2007)

Figuras 15 e 16



Fonte: Delaporte, 2007

Com certeza, também temos empréstimos de sinais que se mantiveram inalterados tanto na LSF quanto na Libras: *année* - ano; *chocolat* - chocolate; *viande* - carne; *voir* – ver (Figuras 17 a 20), assim como muitos outros. O sinal de Libras tem a mesma constituição morfológica do sinal de LSF (DUARTE, 2011).



Fig. 17 - Ano

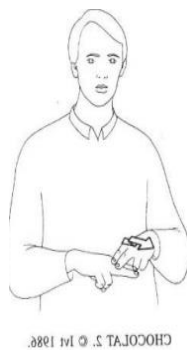


Fig. 11 – Chocolate



Fig. 12 – Carne

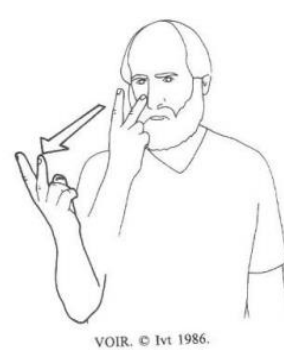


Fig. 20 -

Ver

Fonte: Delaporte, 2007

Sofiato e Reily (2012), que desenvolveram um estudo analítico das obras de Flausino da Gama e a de Pierre Pélissier, chegaram ao número de 38 sinais que se mantiveram inalterados na Libras, dos 382 sinais da obra de Flausino, cerca de 10 por



cento dos sinais, que constituem marcas da influência da LSF, na origem da Libras. Pautando-nos pelo conceito do contato de línguas em que há o distanciamento do território de origem da língua, ocorreu a transformação linguística porque povo e território são outros, ou seja, alteraram-se os meios ambientes social, mental e natural e ocorreu uma nova deriva: outra língua, apesar de se manterem elementos herdados do contato inicial.

Para os Estudos Bakhtinianos, o enunciado, enquanto “unidade real da comunicação verbal” é um evento único e irrepitível da comunicação discursiva, nasce na inter-relação discursiva e, ainda

Qualquer produto da atividade do discurso humano (...) deriva em forma e significação, em todos os seus aspectos essenciais, não das experiências subjetivas do falante, mas da situação social na qual o enunciado aparece. A língua e suas formas são produtos de uma prolongada comunicação social entre os membros de uma dada comunidade discursiva (VOLOSHINOV *apud* SOUZA, 2002, p. 36)

Portanto, a interação entre os sujeitos e o contexto histórico-social, em que ocorre o enunciado, concorre para sua compreensão, assim como influencia a evolução das formas da língua, já que “A verdadeira substância da língua não é constituída por um sistema abstrato de formas linguísticas nem pela enunciação (enunciado) monológica isolada (...), mas pelo fenômeno social da *interação verbal*, realizada através da *enunciação* (enunciado) ou das *enunciações* (enunciados)”.

(BAKHTIN/VOLOCHINOV, [1929] 2014). E “a palavra constitui o meio no qual se produzem lentas acumulações quantitativas de mudanças que ainda não tiveram tempo de (..) engendrar uma forma ideológica nova e acabada”. (BAKHTIN VOLOCHINOV, [1929] 2014)

Portanto, todo movimento de mudança na língua está intrinsecamente relacionado ao da comunidade discursiva que dela se serve, compreendendo então todos os aspectos da vida: social, cultural, político, religioso. Aí se encontram incluídas as Polifonia, Cuiabá-MT, v. 25, n.38.1, p. 01-192, maio-agosto.2018.

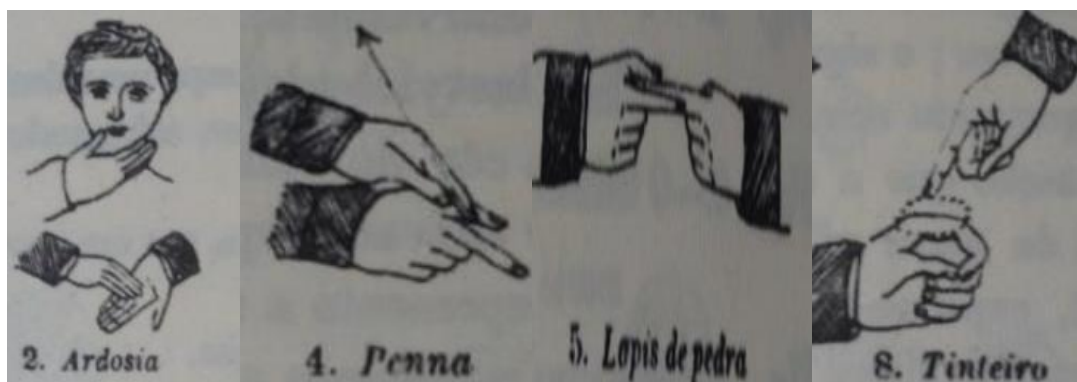




alterações no léxico e mesmo a necessidade da criação de novos termos técnicos, científicos pela própria dinâmica do progresso contínuo e da vida que não cessa.

Retomando exemplos da obra de José Flausino, na Estampa 4, *Objectos para escrever*, temos diversos sinais que caíram em desuso devido ao obsoleto, com o decorrer do tempo, os sinais para *ardosia*, *penna*, *lapis de pedra*, *tinteiro*, *areia*, *areieiro*, *limpador de pedra* (Figuras 21 a 27) foram perdendo o sentido por obsoleto, foram substituídos, aos poucos, por outros objetos para escrever e suportes para a escrita e, caso ainda existam, certamente são empregados em outros contextos que não o da sala de aula. Portanto, nesses casos, os sinais referentes a objetos passíveis de serem encontrados dentro da sala de aula, distanciaram-se no tempo e no espaço e foram substituídos pelos dos objetos atuais como caneta, giz, ou caneta para quadro branco, borracha e outros mais que foram surgindo para facilitar as atividades da escrita e do ensino.

Figuras 21 a 27

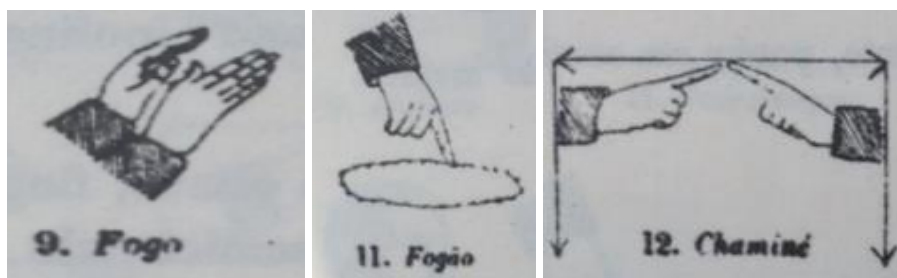




Fonte: Iconographia dos Signaes, 1875

Como Sofiato e Reily (2012) já tinham observado, os sinais de fogo (Figura 28), fogão (Figura 29) e lareira, traduzido como chaminé, (Figura30) são incluídos na Estampa 5, que apresenta o léxico de *Objectos da aula*, como objetos possíveis de serem encontrados na sala de aula, que foram mantidos por Flausino, apesar de não ser plausível a presença desses elementos em uma sala de aula no Brasil, de clima tropical, porém, era perfeitamente compreensível para o clima a França, com invernos de frio rigoroso. Foi desconsiderado o território, o meio ambiente natural, no caso, o Brasil, onde essa língua seria utilizada, com suas características peculiares.

Figuras 29 a 30



Fonte: Iconographia dos Signaes, 1875

## Considerações finais

Consideramos que o fato de cerca de 40 a 50% do léxico da Libras ser oriundo da LSF, mantendo-se inalterada sua constituição morfológica, pode ser reflexo da interferência de uma língua de sinais já estruturada sobre outra que começava a se formar. A Língua de Sinais Francesa começou a se consolidar e se estabilizar, de certa forma, quando o Abade de l'Épée se serviu da língua de sinais das comunidades de visuais de Paris e a aprimorou, aproximadamente cem anos antes de a Libras começar este processo.

Ainda, levando em conta as premissas do contato de línguas ecolinguístico, quando uma língua (L1) é deslocada ao território de outro povo com outra língua (L2) e a L1 é, relativamente, consolidada e goza de maior prestígio, é bastante provável que a L1 se sobreponha à L2, como no caso da LSF como L1 e a Libras, como L2 e, ainda, acrescentando-se o fato de a Libras ser uma língua em formação, ainda sem registros formais e carente de recursos para sua consolidação.

Constatamos, em nossas buscas até aqui, que muitos dos sinais de Libras recebidos por empréstimo da LSF mantiveram-se inalterados no Brasil, enquanto que os sinais equivalentes a esse léxico na Língua Francesa de Sinais se modificaram, demonstrando que houve mudança linguística no território de origem, acompanhando o movimento natural da vida, porém mantendo-se inalterados no novo território, pelo afastamento dos MA mental, social e natural original.

No entanto, também, vimos que as alterações de sinais têm se dado nos dois idiomas de forma diferente, cada qual seguindo as influências de seus MA mental, social e natural ou, nos termos bakhtinianos, considerando a movimentação de interação entre os sujeitos e o contexto histórico-social.

Esses resultados parciais nos confirmam que as línguas de sinais, assim como as línguas oralizadas, seguem o curso da vida social; seu léxico, assim como os demais

elementos, modifica-se acompanhando novas necessidades e prováveis interferências do seu contexto ou meios ambientes da mesma forma como podem manter-se inalteradas. A compreensão das motivações para esses movimentos, além dos empréstimos linguísticos gerados nesses contatos ou na ausência de contato, é o que nos move na continuidade da nossa busca.

## Referências

BAKHTIN; VOLOCHINOV, Valentin Nikolaievich. [1929]. **Marxismo e Filosofia da Linguagem**. Trad. Michel Lahud & Yara Frateschi Vieira. 16. ed. São Paulo: Hucitec, 2014.

COUTO, Hildo H. **Contato Interlinguístico: da interação à gramática**. Disponível em <http://www.ecoling.unb.br/images/Formacao.pdf>, 1999. (Acesso em: 05/10/2017)

\_\_\_\_\_. **Ecolinguística: estudo das relações entre línguas e meio ambiente**. Brasília: Thesaurus, 2007.

\_\_\_\_\_. **Linguística, ecologia e ecolinguística: contato de línguas**. São Paulo: Contexto, 2009.

\_\_\_\_\_. O que vem a ser ecolinguística, afinal? *Cadernos de Linguagem & Sociedade*, v. 14, n. 1, 2013, p. 275- 313.

DELAPORTE, Yves. *Dictionnaire étymologique et historique de la langue des signes française : origine et évolution de 1200 signes*. Les Essarts-le-Roi : Éditions du Fox, 2007.

DUARTE, A. S. Ensino de libras para ouvintes numa abordagem dialógica: contribuições da teoria bakhtiniana para a elaboração de material didático. 2011. 327 p. Dissertação (Mestrado em Estudos de Linguagens) -Instituto de Linguagens, Universidade Federal de Mato Grosso, Cuiabá, MT, 2011.

\_\_\_\_\_. Alteridade: o sujeito na educação contemporânea forjado com os fragmentos medievais. In: Silva, S. S. O. (Org.). **Políticas educacionais e formação de professores: experiências e práticas pedagógicas**. Curitiba: Appris, 2016. p. 247-261.

GAMA, Flausino José. **Iconographia dos signaes dos surdos-mudos**. Rio de Janeiro: Tipografia Universal de E & S. Laemmert, 1875.

PÉLISSIER, Pierre. *Iconographie des signes - faisant partie de L'enseignement primaire des sourds-muets*. Paris; Imprimerie et Librairie de Paul Dupont, 1856.

SACKS, Oliver W. **Vendo vozes**: uma viagem ao mundo dos surdos. Trad. Laura Teixeira Motta. São Paulo: Editora Schwarcz, 2010.

SOFIATO, C. G.; REILY, L. **Justaposições**: O primeiro dicionário brasileiro de língua de sinais e a obra francesa que serviu de matriz. *Revista Brasileira de Educação Especial*, v. 18, p. 569-586, 2012.

SOUZA, Geraldo Tadeu. **Introdução à teoria do enunciado concreto do círculo Bakhtin/Volochinov/Medvedev**. São Paulo: Humanitas/FFLCH/USP, 2002.

**Fontes digitais consultadas:**

<http://www.porsinal.pt/index.php?ps=artigos&idt=artc&cat=7&idart=307>

<http://www.dicionariolibras.com.br>

<http://coral.ufsm.br/edu.especial.pos/>

[http://surdite.lsf.free.fr/alphabet\\_LSF.htm](http://surdite.lsf.free.fr/alphabet_LSF.htm)